

Boletim Semanal* – 13/2020 – 31 de julho de 2020

CAFÉ

**Economista Paulo Franzini*

De acordo com o último relatório do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil – CECAFÉ, as exportações brasileiras totalizaram 39,9 milhões de sacas de 60kg no ano-safra 2019/20 (julho/19 a junho/20). Esse volume é apenas 3,6% inferior ao registrado no período anterior, gerando uma receita cambial de US\$ 5,1 bilhões de dólares, equivalentes a R\$ 22,8 bilhões de reais.

O volume foi destinado para 125 países, sendo que os cinco principais receberam 57% do total, EUA (19%), Alemanha (17,1%), Itália (8,6%), Bélgica (7,3%) e Japão (4,9%). Os principais portos utilizados foram Santos (79,2%), Rio de Janeiro (12,7%), Vitória (3,7%) e Paranaguá (1,6%), que juntos foram responsáveis por 97,2% do volume exportado.

Segundo estimativas da CONAB e IBGE, o Brasil deverá colher este ano um volume em torno de 60 milhões de sacas, e conforme dados da Associação Brasileira da Indústria de Café – ABIC, o consumo atingiu 21 milhões de sacas em 2019, Portanto, estes números confirmam o Brasil como o maior produtor e exportador, e o segundo maior consumidor mundial de café.

Ainda não foi possível mensurar de forma quantitativa os efeitos negativos da Covid-19, mas o reflexo no consumo mundial foi sentido fortemente na Europa e na Ásia, por conta das medidas mais rígidas de isolamento social e o fechamento de milhares de cafeterias, bares e restaurantes, reduzindo drasticamente o consumo de café fora de casa. Com a reabertura gradual destas atividades, aos poucos o consumo vem aumentando, restando

saber se houve compensação pelo aumento do consumo nos lares. Por outro lado, no meio rural o efeito desta pandemia tem sido quase imperceptível até agora, não prejudicando o andamento normal dos trabalhos da colheita com todos os cuidados adotados pelos produtores, conforme as orientações das entidades de saúde para evitar o contágio.

Conforme o relatório de julho elaborado pelos técnicos de campo do DERAL, o Paraná deverá colher este ano cerca de 940 mil sacas de 60kg, já considerando os efeitos da forte estiagem ocorrida no primeiro semestre do ano. O volume colhido nesta safra é semelhante ao obtido na safra anterior.

Com a atualização ocorrida em algumas regiões, a área em produção soma 35.556 hectares, diminuição de 1,5% em relação à estimativa do mês anterior. Os trabalhos de colheita avançaram em ritmo acelerado no mês de julho favorecidos pelas condições climáticas, chegando a 81% da área, e o predomínio do clima seco e quente contribuiu também no processo de secagem e preparo dos lotes no sentido de preservar a qualidade do produto, visto que a maioria dos produtores utiliza terreiros para secagem natural.

Embora a prolongada estiagem durante os meses de março a maio tenha prejudicado um pouco o desenvolvimento dos grãos, informações de campo dão conta que no geral a qualidade obtida tem sido boa. O mesmo relatório aponta que foi comercializada cerca de 27% da produção colhida, com os produtores dispostos a vender somente o necessário para cobrir as despesas de colheita e alguns insumos, em função dos preços poucos remuneradores, percentual semelhante ao verificado no mesmo período do ano passado.

Boletim Semanal* – 13/2020 – 31 de julho de 2020

O mercado físico em julho se estabilizou, com cotações entre R\$ 430,00 a 470,00/saca para cafés de qualidade intermediária, e conforme pesquisa semanal do DERAL o preço recebido pelos produtores do Paraná em julho teve ligeira alta, impulsionada pela média desta última semana fechando o mês em R\$ 448,43, contra R\$ 443,31 em junho e R\$ 514,70 em maio deste ano.

FEIJÃO

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

Balanço da safra – 2019/20

A primeira safra de feijão (águas) do Estado, foi semeada no período de agosto a dezembro de 2020 e colhida entre dezembro a março, e apresentou desempenho acima da média histórica paranaense. Os agricultores celebraram a produtividade alcançada de 2.097 kg por hectare (35 sacas), 37% maior que a produtividade do ano anterior. Mesmo com um recuo na área cultivada de 6%, a produção final foi de 319,7 mil toneladas ou 29% maior que a anterior.

O plantio da segunda safra (seca) ocorreu entre janeiro a abril, e a colheita de abril a junho. Devido à estiagem, o desenvolvimento das lavouras não foi dos melhores, e os agricultores amargaram uma redução na safra em torno de 41%, com uma produção menor em torno de 179 mil toneladas. A produtividade alcançada foi de 1.168 kg/ha (20 sacas/ha), uma das piores da história paranaense. Com uma área 10% menor, a produção na safra chegou a 259 mil toneladas, 28% menor que a safra passada.

Na terceira safra (inverno), os produtores rurais finalizaram o plantio e 36% da área total está colhida. É uma safra pouco expressiva em volume,

Economista Marcelo Garrido
Coordenador da Divisão de Conjuntura Agropecuária do DERAL
Contato: (41) 3313- 4035

mas importante para os agricultores do norte do Estado. Com uma área estimada em 2 mil hectares, a expectativa dos agricultores é produzir em torno de 2,3 mil toneladas.

O volume total das três safras é estimado em 581,4 mil toneladas, quantidade 5% menor que o ano anterior.

Primeira estimativa da Safra das Águas – 2020/21

Os produtores paranaenses de feijão estão se preparando para a próxima safra. A área estimada é 149.772 ha, 2% menor que a do ano anterior e, se as condições climáticas permitirem, o setor irá produzir em torno de 300,4 mil toneladas, um volume 6% menor que a produção anterior. Os agricultores ainda não iniciaram o plantio, e a janela de semeadura vai de agosto a dezembro de 2020. A expectativa do setor produtivo é grande e o Estado do Paraná tem tradição no cultivo da leguminosa. O estado se apresenta no cenário nacional como um dos principais produtores nacionais.

FRUTICULTURA

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

As importações brasileiras de frutas em 2019, foram de 497,0 mil toneladas e dispêndios de US\$ 662,1 milhões. Peras, maçãs, uvas, laranjas e kiwis, provenientes da Argentina, Chile, Espanha, Portugal e Itália - em ordem de importância – abasteceram as mesas nacionais, conforme indicadores extraídos das Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro/AGROSTAT, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/MAPA.

Estas cinco espécies e países representaram em proporção de valores e volumes a 51,2% e 67,4% das 25 frutas importadas, e

**Reprodução autorizada desde que citada a fonte*

Boletim Semanal* – 13/2020 – 31 de julho de 2020

considerando-se os 67 fornecedores do Brasil, 76,2% do montante financeiro e 85,3% das cargas adquiridas em 2019.

Os dados do primeiro semestre deste ano indicam uma redução de 17,4% em valores e 13,5% das quantidades demandadas nas importações de frutas. Isto é, se em 2019 no mesmo período foram adquiridas 234,8 mil toneladas a despesas de US\$ 299,4 milhões, ao final de junho último internalizou-se 203,1 mil toneladas a US\$ 247,3 milhões.

Com grande parte da população mundial vivenciando medidas quarentenárias e de distanciamento e isolamento social, os hábitos de consumo se moldam às necessidades imediatas. Dentre as incertezas destes tempos, as econômicas influenciaram diretamente a aquisição das frutas importadas pelo Brasil.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

O mês de julho registrou poucas chuvas e o setor agropecuário volta a ter preocupação com a irregularidade climática. Aliás, esta condição de anormalidade persiste desde o início do ano e, com isso, várias culturas já enfrentaram problemas, como o feijão da segunda safra que apresentou considerável perda por falta de chuva. Uma das preocupações é que o solo mais seco e duro dificulta o arranquio da mandioca.

Com uma área de 140.000 hectares cultivados na safra de 2019/20, a colheita de mandioca já atingiu 55% ou o equivalente a 77.000 hectares. Nesta área colhida a produção obtida foi de 1.884.000 toneladas de mandioca em raiz, resultando em uma produtividade média de 24.468 kg/ha. Esta produtividade é considerada satisfatória

Economista Marcelo Garrido
Coordenador da Divisão de Conjuntura Agropecuária do DERAL
Contato: (41) 3313- 4035

pelo setor, pois coloca o Paraná em destaque com os demais Estados da Federação.

Após um pequeno período em que se registrou uma melhora no mercado, na semana de 20 a 24 de julho o produtor recebeu em média R\$ 345,00/t de mandioca, posta na indústria. Este valor é igual à semana anterior, ou seja, durante os últimos 15 dias os preços estão estáveis. O melhor valor foi registrado no Núcleo de Toledo com R\$ 370,00/t e o menor em Campo Mourão, de R\$ 339,00/t de raiz.

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

O relatório mensal do Deral traz números positivos para o milho segunda safra. A produção estimada teve um pequeno incremento, chegando a 11,5 milhões de toneladas ante 11,4 milhões do mês anterior. Este ajuste na expectativa do volume a ser produzido deve-se principalmente aos bons números obtidos nas colheitas iniciais das lavouras.

Observou-se no campo que a estiagem, apesar de histórica, teve seu impacto mitigado por um investimento maior dos produtores em tecnologia, e isso contribuiu para uma perda menor no campo.

A estimativa de área ainda permanece em 2,3 milhões de hectares. Nesta semana a colheita totalizou 26% dessa área. Quando comparamos com a safra anterior podemos dizer que há um atraso na colheita, o mês de julho de 2019 fechou com colheita superior a 60% da área.

Com o avanço da colheita no estado o mercado do milho aqueceu e a comercialização chegou a mais de 40% da produção esperada

**Reprodução autorizada desde que citada a fonte*

Boletim Semanal* – 13/2020 – 31 de julho de 2020

enquanto que no mês passado tínhamos 28% comercializado. Já os preços se encontram em níveis históricos, acima de R\$ 40 a saca de 60 kg.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

A Pesquisa Subjetiva de Safra do Departamento de Economia Rural, referente ao mês de julho, aponta que das 20,7 milhões de toneladas obtidas nesta safra, cerca de 18,8 milhões, ou 91% da produção, já foi comercializada. Uma das características da safra 2019/20 foi a comercialização acelerada.

A maior produção, a preferência dos compradores chineses pela soja brasileira em detrimento à soja americana, e principalmente a relação cambial favorável às exportações, impulsionaram as vendas. Em relação ao volume, este é o ano em que o estado do Paraná mais comercializou para o período. Em termos de comparação, no mesmo período na safra passada (2018/19), haviam sido comercializadas cerca de 68% do total, ou o equivalente a 11,0 milhões de toneladas.

Nesta semana, a saca de soja de 60 kg foi comercializada pelos produtores paranaenses por R\$ 99,94 em média. Esse valor é 1,3% superior ao obtido na semana anterior e aproximadamente 50% superior aos preços obtidos no mesmo período do ano de 2019.

Em relação à segunda safra, a pesquisa aponta que foram produzidas 88,1 mil toneladas de soja, em uma área cultivada de 39 mil hectares.

No próximo mês, o Departamento de Economia Rural irá divulgar os primeiros números referentes à intenção de plantio, para a safra de

verão 2020/21. No caso da soja, a expectativa dos técnicos de campo do DERAL é que haja crescimento na área cultivada, reflexo principalmente dos bons resultados da safra 2019/20.

TRIGO

**Eng. Agrônomo Carlos Hugo W. Godinho*

A atualização de safra de julho mantém os números do mês anterior: uma área de 1,13 milhão de hectares com uma produção de 3,7 milhões de toneladas. Terminar julho com previsão de safra cheia é positivo, pois geadas mais fortes poderiam ter comprometido a produção. Porém, isto não aconteceu nem deverá acontecer nos próximos 15 dias, pois há previsão de tempo seco e altas temperaturas em todo estado. Infelizmente, como em algumas regiões já temos lavouras precisando de novas chuvas, esse período de estiagem pode comprometer a produtividade da cultura.

O destaque dos números fica para a comercialização antecipada, chegando a 15% do volume previsto. Devido às dificuldades de garantir produtividade e qualidade, esses números são menores no trigo do que no milho e na soja, mas o setor parece estar achando alternativas frente à necessidade de garantir o produto local. Tem colaborado para isso a oscilação constante dos parâmetros de compras no mercado externo: hora é a cotação internacional, hora é o câmbio que eleva a paridade de importação. Atualmente, isso trouxe aos valores do Paraná uma valorização de 25% frente ao mesmo período do ano passado, tendo o produtor recebido, em média, R\$57,44 pela saca nas negociações antecipadas desta última semana.

Boletim Semanal* – 13/2020 – 31 de julho de 2020

CEVADA

**Eng. Agrônomo Rogério Nogueira*

O estado do Paraná já está com 100 % da sua área de cevada plantada nesta safra de 2020. Este ano temos uma área de 62.675 hectares, praticamente a mesma área da safra anterior.

As lavouras estão em ótimas condições, pois o plantio foi em uma época com boa umidade de solo, devido às chuvas que ocorreram no mês anterior. Segundo os levantamentos dos técnicos de campo do Deral, o Paraná poderá colher 289.000 toneladas de cevada, volume 13 % superior ao ano anterior, quando a cultura foi afetada pela estiagem nos meses de agosto e setembro. O Núcleo de Guarapuava tem a maior área da cultura, este ano com 38.100 hectares já semeados, com uma expectativa de colher aproximadamente 5.000 kg por hectare.

O estado se destaca como maior produtor de cevada do país, responsável por 60% de toda a produção do grão. O município de Guarapuava tem a maior produtora do malte cervejeiro do Brasil, a Agromalte, unidade da Cooperativa Agrária, que faz o fomento e todo acompanhamento técnico das lavouras de seus cooperados.

OLERICULTURA

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

Alho - Safra 2019/20

Os produtores paranaenses apostam no plantio de uma das especiarias mais consumidas e apreciadas no mundo. A área estimada para este ano é 343 hectares com uma produção estimada em torno de 1.738 toneladas.

A expectativa do setor é de que as primeiras áreas a serem colhidas seja a partir de

setembro deste ano. De uma forma geral, a produção se distribui em todas as regiões do Estado.

Batata - 2ª safra 2019/20

Com 95% da área colhida, a safra caminha ao seu final e o setor estima produzir 295,7 mil toneladas. Em torno de 94% do total colhido já foi comercializado. E a expectativa do setor é de que a partir do próximo mês, os bataticultores darão início ao plantio da 1ª safra 2020/21 (safra das águas).

Tomate – 2ª safra 2019/20

Com 98% da área plantada e 86% da área colhida, a segunda safra caminha ao seu final, e a estimativa é de produzir 82 mil toneladas. A expectativa é de que até o final de outubro ocorra o encerramento desta safra. O início da safra 2020/21 ocorre a partir de agosto, com os primeiros plantios. O ciclo se estende até maio de 2021.

Cebola – Safra 2020/21

Com o avanço no plantio da cultura da cebola, 64% dos 4.335 hectares foram semeados. Se o clima ajudar, os produtores irão colher em torno de 117.419 toneladas.

A estimativa deste DERAL/SEAB é um aumento da área cultivada em 2%, e na produção, um acréscimo de 3%. A produtividade esperada está em torno de 27 toneladas por hectare. As principais regiões produtoras são: Curitiba, Guarapuava, Irati, Jacarezinho, Ponta Grossa, União da Vitória e Pato Branco. Estes núcleos regionais respondem por 99% do total produzido pelo setor.

Boletim Semanal* – 13/2020 – 31 de julho de 2020

PECUÁRIA DE CORTE

**Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Arroba do Boi Segue Firme no Mercado

As cotações da arroba do boi gordo seguem firmes no mercado nas principais praças nacionais. O atual cenário é de oferta reduzida de animais provenientes de pastagens (sistema extensivo), quanto de boiada de cocho (confinamento).

As empresas frigoríficas têm trabalhado com escalas curtas e comprado somente os lotes que são necessários para manter o fluxo de abates. A redução da oferta de animais terminados esta época tem algumas justificativas como: a severa estiagem de quase 60 dias, que atrasou o desenvolvimento das pastagens de inverno, principalmente no Sul do país; o aumento nos custos de produção, principalmente da ração (soja e milho), fator que gerou uma redução de animais criados em sistema intensivo (confinamento); alta nas exportações, puxada principalmente pela China que tem demandado cada vez mais nossas carnes.

Cotações no Estado do Paraná

Assim como em todo o país, as cotações da arroba no Paraná seguem firmes. De acordo com os preços levantados pelo Departamento de Economia Rural (Deral), a cotação do boi gordo se elevou em 16% de janeiro ao dia 30/07/2020. Ou seja, subiu de R\$ 184,08/@ para R\$ 213,46/@, respectivamente (preços recebidos pelos produtores).

Na comparação do mês de julho de 2019 a julho deste ano (2020) dia 30, o aumento foi de 42%, ou seja, a arroba que foi cotada a R\$ 150,04 (julho/19) se elevou para R\$ 213,46 (30 de julho/20).

Economista Marcelo Garrido
Coordenador da Divisão de Conjuntura Agropecuária do DERAL
Contato: (41) 3313- 4035

Mercado Externo – Exportações

Como já citado anteriormente, as altas nas exportações brasileiras de carne bovina tem sido outro fator que contribui atualmente com a manutenção dos preços da arroba em altos patamares.

Na comparação do primeiro semestre de 2019, ao mesmo período de 2020, as exportações totais brasileiras de carne bovina se elevaram em 9,3% em volume. De 830.575 toneladas para 903.574 toneladas, respectivamente. Em valores, a alta foi de 26% (US\$ 3.124.800.075 para US\$ 3.927.748.973), também na comparação do primeiro semestre.

Acréscimo Expressivo nas Exportações para a China

As exportações para a China se elevaram significativamente em 2020. Apesar da pandemia e incertezas econômicas, os chineses vêm demandando em grandes volumes nossas proteínas de origem animal, sendo este um dos principais fatores de alta interna das cotações.

Comparando-se o primeiro semestre de 2019 a igual período de 2020, as exportações para o país asiático se elevaram em 148% em volume (147.293 toneladas em 2019 para 364.673 toneladas em 2020). Em receita, o acréscimo foi de 165% (US\$ 691.762.030 no primeiro semestre de 2019 para US\$ 1.835.794.145 em igual período de 2020).

*Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Boletim Semanal* – 13/2020 – 31 de julho de 2020

AVICULTURA

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

China suspende a importação de mais uma planta frigorífica

A unidade da BRF S.A. de Dourados (MS/SIF 18) teve suspensa a exportação para a China, de acordo com comunicado do Departamento de Alfândegas da China (GAAC, na sigla em inglês) - órgão do governo chinês responsável pela habilitação de estabelecimentos exportadores e que também realiza o controle de mercadorias na aduana. O comunicado, divulgado no dia 29/7, informa a suspensão das importações de produtos de aves da planta desde 23 de julho.

Além desta fábrica da BRF S.A, oficialmente, outros cinco frigoríficos brasileiros continuam com vendas suspensas para a China. As unidades da JBS em Três Passos (RS), da BRF S/A em Lajeado (RS), da Marfrig em Várzea Grande (MT) e a da Minuano em Lajeado (RS) foram vetadas pela China, enquanto a planta da JBS em Passo Fundo (RS) teve a comercialização suspensa preventivamente pelo Ministério da Agricultura.

Há dez dias, o departamento liberou a retomada das exportações de carne bovina da Agra Agroindustrial de Alimentos S/A, de Rondonópolis (MT/SIF 3941) para lotes embarcados desde 17 de julho.

Egito: mais um mercado para termoprocessados de aves

Em julho, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) comemorou a informação repassada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento sobre a aprovação pelas autoridades

do Egito para a importação de produtos termoprocessados de aves produzidas no Brasil.

A autorização é válida para as 40 plantas exportadoras de aves habilitadas para o mercado egípcio e que, atualmente, já embarcam frango inteiro. Décimo quarto principal importador de carne de frango do Brasil, o Egito importou 39,1 mil toneladas entre janeiro e junho deste ano, volume que supera em 27% o total embarcado no primeiro semestre de 2019.

Abate paranaense cresce 7,1%

Em meados de julho, o Sindiavipar informou que 984,7 milhões de aves foram produzidas no Paraná, de janeiro a junho deste ano. O número é 7,1% maior que o total de abates no mesmo período do ano passado, quando alcançou a marca de 919,4 milhões de cabeças. Com isso, o segmento alcançou o melhor semestre em produção já registrado. Do total de carne de frango produzida pelo Paraná, 66,4% foi destinado ao mercado interno, enquanto 33,6% foi embarcado ao exterior.

Exportação paranaense cresce 4,1%

O Sindiavipar também informou que os embarques paranaenses do semestre alcançaram a marca de 825,1 mil toneladas de frango, de acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). O volume é 4,1% superior ao exportado nos primeiros seis meses de 2019, quando 792,3 mil toneladas da proteína foram destinadas ao mercado externo. Entre os países que mais importaram a carne de frango do Paraná estão: China (177,3 mil toneladas), África do Sul (67,5 mil toneladas) e Emirados Árabes Unidos (58,3 mil toneladas).

Boletim Semanal* – 13/2020 – 31 de julho de 2020

Custos de produção de frango de corte cai pela primeira vez no ano

O custo mensal de produção de frango de corte calculado pela CIAS, a Central de Inteligência de Aves e Suínos da Embrapa, caiu pela primeira vez em 2020. Em junho, o ICPFrango fechou em 262,06 pontos, -0,65% em comparação a maio, quando chegou a 263,77 pontos, também recorde do índice. O ICPFrango acumula agora 12,86% de alta em 2020 (e 18,34% nos últimos 12 meses).

O custo de produção do quilo do frango de corte vivo no Paraná passou dos R\$ 3,41 em maio para R\$ 3,39 em junho. Já os preços médios recebidos pelo produtor, foram: R\$ 3,20 (maio) e R\$ 3,45 (junho).

Carnes é o segundo setor exportador do agronegócio

O relatório “Balança Comercial do Agronegócio - Junho”, elaborado pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), publicado em 10/7/2020, informa que as exportações do agronegócio brasileiro totalizaram US\$ 51,63 bilhões entre janeiro e junho de 2020, o que significou incremento de 9,7% em comparação aos US\$ 47,09 bilhões negociados no mesmo período de 2019.

Os cinco principais setores do agronegócio brasileiro em valor exportado no primeiro semestre de 2020 foram: complexo soja, com vendas externas de US\$ 23,93 bilhões e participação de 46,3%; as carnes, com US\$ 8,31 bilhões e 16,1%; produtos florestais, com US\$ 5,67 bilhões e 11,0%; complexo sucroalcooleiro, com US\$ 3,69 bilhões e 7,1%; e setor cafeeiro, com exportações totais de US\$ 2,54 bilhões e participação de 4,9%.

Economista Marcelo Garrido
Coordenador da Divisão de Conjuntura Agropecuária do DERAL
Contato: (41) 3313- 4035

O setor de carnes foi o segundo colocado entre os maiores exportadores do agronegócio brasileiro no primeiro semestre de 2020, com a cifra de US\$ 8,31 bilhões e participação de 16,1% de todas as exportações agropecuárias brasileiras no período. O crescimento observado (+11,3%) foi resultado tanto do incremento da quantidade comercializada (+7,0%), quanto da elevação da cotação dos produtos do setor (+4,0%).

O principal destaque foi a carne bovina, cujas vendas externas totalizaram US\$ 3,93 bilhões (+25,7%). O volume negociado da mercadoria cresceu 9,3%, atingindo 908 mil toneladas, e o preço médio aumentou 15,0%, alcançando US\$ 4.328 por tonelada. O principal destino da carne bovina in natura brasileira no semestre foi a China, com a soma de US\$ 1,84 bilhão e market share de 52,9%.

No período considerado, a China aumentou as compras de carne bovina in natura brasileira em US\$ 1,14 bilhão, sendo o maior responsável pelo crescimento e pelo recorde de vendas verificados. Depois da carne bovina, destacaram-se as vendas de carne de frango, com o montante de US\$ 3,10 bilhões (-9,3%) para um total de 2,06 milhões de toneladas (+1,2%) e queda do preço médio no período de 10,4%.

Já as exportações de carne suína totalizaram US\$ 1,07 bilhão entre janeiro e junho de 2020 (+52,4%). As vendas externas de carne suína in natura foram recordes tanto em valor (US\$ 1,01 bilhão) quanto em volume (421 mil toneladas), com crescimento de 12,1% na cotação média do produto brasileiro negociado no mercado internacional. O principal mercado responsável pelo incremento verificado foi a China, com aquisições de

*Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Boletim Semanal* – 13/2020 – 31 de julho de 2020

US\$ 572,71 milhões (+US\$ 365,82 milhões) e market share de 56,8% no semestre.

Fiquem ligados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

[https://instagram.com/deralseabpr](https://www.instagram.com/deralseabpr)

https://twitter.com/do_deral